

com a mesma massa de que é feita a música... E a admirável plasticidade das imagens, a qualidade cénica, na cor, no movimento, na luz, no justo equilíbrio das diversas componentes? Por tudo isto, e pelo amor com que o filme foi feito — basta vê-lo — *A Flauta Mágica* passou a ser também um pouco criação de Bergman... (...)

(...) Escreveu Goethe ainda em vida de Mozart: «Todos os esforços que fazíamos para conseguir exprimir o próprio fundo das coisas se tornaram vãos logo que apareceu Mozart». É isso *A Flauta Mágica*: o próprio fundo das coisas...

Carvalho, Mário Vieira, Estes sons, esta linguagem,
Editorial Estampa, Lisboa, 1978, p. 317-319

BREVE | Ingmar Bergman

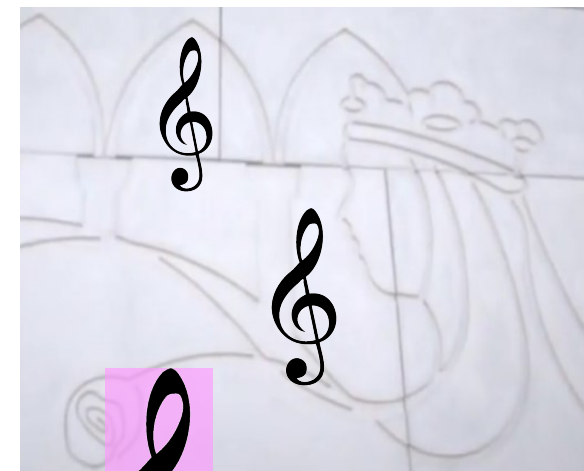
Nasceu em Uppsala (1918-2007), Suécia, desenvolvendo ao longo da sua vida uma atividade conjunta e constante no cinema e no teatro. Realizou cinquenta e quatro filmes para cinema e televisão, refletindo sobre a existência humana e construindo uma estética própria no cinema. Filmes como, *Luz de Inverno*, (1963) *Persona* (1966) ou *Lágrimas e Suspiros* (1971), para além de *A Flauta Mágica*, provam que o cinema é uma arte.



Organização:



Apoio:



ORQUESTRA

DO

NORTE

Ciclo de Cinema:

22 de Maio, 17h30

Auditório Moisés Pereira

**A FLAUTA MÁGICA, de
Ingmar Bergman**

Estremoz

Maio de 2015

TÍTULO ORIGINAL:

Trollflöjten (1975)

Título em português: *A Flauta Mágica*

Estreia em Portugal: 29 de Outubro de 1976

Edição DVD: Betafilm | Costa do Castelo, S.A., (2006)

Duração: 135 min

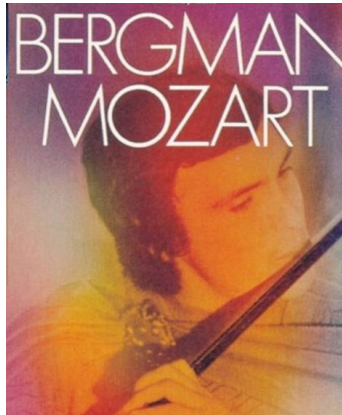
Realização: Ingmar Bergman

Fotografia: Sven Nykvist

Música: Wolfgang Amadeus Mozart

Argumento: Emmanuel Schikaneder (adaptação de Ingmar Bergman)

Intérpretes principais: Irma Urrila (Pamina), Häkan Hagegård (Papageno), Elisabeth Erikson (Papageno), Britt-Marie Aruhn (Första damen/ Frist Lady), Kristen Vaupel (Andra damen (Second Lady), Birgitta Smiding (Tredje damen (Third Lady), Ulrik Cold (Sarastro), Birgit Nordin (Nattens Drottning), Ragnar Ulfung (Monostatos)



SINOPSE

Versão da admirável ópera de Mozart, *Die Zauberflöte*, uma celebração de amor, perdão e laços fraternais entre os homens, seguindo Tamino, o jovem apaixonado e determinado em salvar a bela princesa das garras do mal parental..

Aa. Vv, As folhas da Cinemateca. Ingmar Bergman, Lisboa, Cinemateca Portuguesa, 2008, p. 179

ANÁLISE

(...) O ponto de partida de Bergman era, naturalmente, alcançar com as imagens, a mesma espantosa simplicidade da música. Tal como Mozart, Bergman teria de sugerir, através dos recursos tão depurados quanto possível, a fraternidade, o amor, a verdade que estão presentes em cada nota da partitura. A voluntária limitação do espaço ao palco de um teatrinho que podia ser a réplica do *Na der Wien* de Shikaneder criou as condições ótimas para trabalhar segundo esta perspectiva.

O primeiro exemplo de simplicidade de processos está logo na abertura, com os rostos de gente de todas as raças e de todas as idades irmanadas



pelo mesmo sentimento comum de afeição à música, inculcando a ideia de fraternidade universal(...)

(...) A oposição básica entre a luz e as trevas, entre a razão e o obscurantismo, entre a ciência e superstição, ganha um conteúdo ético, tanto mais profundo quanto mais singela é a forma de o veicular (...)

(...) é o cenário que se depara a Tamino quando entra no templo à procura do horrível tirano; nesta sequência, o gesto simbólico de apagar a vela coincide com a interrogação de Tamino: «Noite eterna, quando chegarás ao fim? Quando chegará a luz aos meus olhos?» (...).

(...) A «ousadia» de Bergman foi grande, sobretudo por não ter recuado ante o risco de desfigurar o equilíbrio musical do *Finale* (...) (...) Mas, com a sua «ousadia», Bergman veio, afinal, provar que *A Flauta Mágica* é, até certo ponto, uma obra aberta (...).

(...) Aquele Papageno, aquele Sarastro, aquela Rainha da Noite, enfim todos os outros? Parecem modelados

